

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA**

MARIA DO CARMO DEWES DE OLIVEIRA

O ENSINO DA HISTÓRIA NA QUARTA SÉRIE A PARTIR DA PESQUISA

**Porto Alegre
2010**

MARIA DO CARMO DEWES DE OLIVEIRA

O ENSINO DA HISTÓRIA NA QUARTA SÉRIE A PARTIR DA PESQUISA

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia, pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FAGED/UFRGS.

Orientador(a):
Profa. Dra. Carmem Zeli de Vargas Gil
Tutor(a): Alda Graciela Pereira

Porto Alegre
2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitora de Graduação: Prof^a Valquiria Link Bassani

Diretora Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

**Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia –
Licenciatura na modalidade a distância/PEAD:** Profas. Rosane
Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos que acreditam que mudar ainda é possível!.

*“A alegria não chega apenas no encontro do achado,
mas faz parte do processo da busca.
E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura,
fora da boniteza e da alegria”.*

Paulo Freire

RESUMO

A História trabalhada nas primeiras séries do Ensino Fundamental tem como desafio introduzir determinados conceitos e ampliar a reflexão do aluno sobre sua vida. A História está presente na vida de cada um, sendo um processo dinâmico que ajuda a constituir o sujeito a partir da relação com o mundo. Portanto, esse é um estudo sobre ensino de História com pesquisa. Os objetivos visam compreender a importância da pesquisa no desenvolvimento e compreensão dos conteúdos de História na quarta série das séries iniciais. Durante a prática pedagógica de estágio na escola estadual situada no Litoral Norte do Estado do Rio Grande do Sul, onde a presença indígena foi marcante em sua formação histórica, elaborei um projeto de trabalho envolvendo a formação histórica do Estado e numa roda de conversa lancei a idéia para meus alunos de fazermos uma aventura na pré-história. Para desenvolver o projeto realizamos pesquisas utilizando a biblioteca escolar, sites da internet e entrevista quando trabalhamos a memória do município. Para registrar as descobertas foram utilizados relatórios orais e escritos, blog colaborativo onde eram registradas num diário de bordo. Segundo Maria Teresa Nildecoff (1997, p. 72) o objetivo da história dentro do currículo escolar é a compreensão do presente: conhecer o passado do homem com o objetivo de aplicar estes conhecimentos na compreensão das circunstâncias atuais. Este diálogo do passado com o presente não ocorre facilmente e a História acaba se detendo nos estudos do passado e a ligação com o presente não fica clara para os estudantes. Segundo Demo (2003), a pesquisa é uma construção do conhecimento, que passa pela experiência, onde o aluno é sujeito do seu próprio processo de aprendizagem. O ato de educar pela pesquisa envolve questionamentos, busca de inovações, reconstrução de conhecimentos. Demo (1997) fala da importância da pesquisa tanto do professor quanto do aluno onde o mesmo deixa de ser simples objeto do ensino ministrado pelo professor para juntamente com ele ser parceiro de trabalho na busca de soluções para os problemas encontrados. Só assim a pesquisa se constitui como possibilidade para aprender, também, a acessar informações por meio do uso da Internet, das entrevistas, das pesquisas bibliográficas, se constituindo numa experiência/vivência instigante, tanto para professor quanto para os alunos. A aprendizagem pela pesquisa é fundamental para a

solução de problemas, o que, sem dúvida, resulta em aprendizagens mais significativas. Assim, essas reflexões foram construídas a partir do diálogo dos autores com os registros das aulas do estágio Curricular no relatório e pbworks. É, portanto, um estudo qualitativo que considerou algumas aulas do Estágio como dados a serem analisados neste TCC. Os autores que contribuíram no estudo foram: Maria Teresa Nildecoff, Pedro Demo, Helena Callai, Paulo Zarthi Maria Auxiliadora Schimdt, Marlene Canelli, Fernando Seffner e Paulo Freire.

Palavras- chave: 1- Pesquisa, 2- Conhecimento, 3 – Ensino de História

SUMÁRIO

PARA UM INÍCIO DE CONVERSA.....	9
1 Breves considerações sobre o ensino de História.....	13
2 A pesquisa como possibilidade para o ensino de História	16
3 História e Pesquisa: Pré-história do Rio Grande do Sul	19
3.1 História e pesquisa: memórias do município.....	23
4 Considerações finais.....	27
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29

PARA UM INÍCIO DE CONVERSA

Iniciei minha jornada como professora em 1981, recém formada, com experiência apenas do estágio. Com incentivo de minha mãe, que era professora, iniciei minha caminhada com uma turma de segunda série composta de 37 alunos.

Bagagem? Nenhuma. Trabalhar a localidade em estudos sociais? Não conhecia a localidade de Arroio do Sal, era novata. Com a ajuda de colegas que me viram angustiada, fui aos poucos conhecendo um pouco do lugar onde eu iria trabalhar. Fácil não foi, mas aos poucos, com muita curiosidade e persistência, fui procurando dados que poderiam me ajudar.

Como Arroio do Sal pertencia a Torres, de onde eu vim, comecei a vasculhar em bibliotecas e no núcleo de educação (hoje CRE) a procura de dados. Sabia que o ano estava acabando e a professora que substituí não me deixou nada, mas me preparei para o ano seguinte.

Com o passar dos anos aumentou meu interesse em como trabalhar a disciplina de estudos sociais nas séries iniciais. Comecei a trabalhar com terceira e quarta série, assim minhas pesquisas se direcionaram ao estudo do município e do estado. Com o passar dos anos minha paixão por História e Geografia foi aumentando.

Percebo que os alunos têm dificuldade de se localizar e se orientar no espaço onde vivem. A partir desta constatação percebo a importância de trabalhar desde a Educação Infantil a História e a Geografia.

Hoje compreendo que as certezas construídas ao longo de vinte e oito anos de magistério ruíram espetacularmente num espaço extremamente curto de tempo: nove semanas de estágio curricular supervisionado. Não faltaram motivos para anunciar o fim de certezas que

até então eram consideradas permanentes e o início de dúvidas que são sempre provisórias. Uma das questões que me fazia era: Como trabalhar a pré-história antes da história do Rio Grande do Sul.

Indaguei sobre as razões da queda repentina e fácil das certezas que achava que eram permanentes. Ao mesmo tempo deixando de lado o certo, percebi o quanto essas decisões são complexas: Onde iniciar e como iniciar meu trabalho com a pré-história do Rio Grande do Sul?

Estas dúvidas me levaram a repensar minha prática docente com uma turma de quarta série. É como se eu estivesse iniciando minha carreira, sem nenhuma bagagem, apenas com a vontade de desenvolver meu trabalho. Minhas vivências profissionais sempre aconteceram nas séries iniciais não com alfabetizadora, mas sim aperfeiçoando este ato tão lindo e que é tão cobrado nas séries finais, pois tudo o que o aluno não consegue assimilar é culpa das séries iniciais.

Como trabalhei sempre com turmas de segunda, terceira e quarta série, hoje transformadas em anos, desenvolvia meu trabalho a partir do aluno, para que conhecendo a sua história pudesse conhecer a história da sua comunidade, de seu município, de seu estado, seguindo adiante conhecer seu país e o mundo.

Muitos alunos chegam à escola não sabendo onde mora, sua data de nascimento, enfim, seu pertencimento. Daí é necessário começar esta caminhada histórica com ele para depois começarmos a história da comunidade onde ele vive. Estudiosos apontam esta caminhada como fator importante para que o aluno se engaje no mundo como um ser social. Enquanto sujeitos sociais vivem e convivem em grupos que os identificam desde a família, primeiro grupo em que são inseridos socialmente e depois à comunidade, onde constituem sua história de pertencimento enquanto grupo social.

Esse resgate é importante para os alunos, pois muitas histórias contadas pelos familiares envolvem este povo que habitou o litoral e deixou aqui seus vestígios. Minha proposta foi o desafio de ensinar história pela pesquisa, levando em consideração os procedimentos a serem

desenvolvidos em sala de aula para que meus alunos pudessem construir a competência de investigar e relacionar a história com temas e assuntos do seu dia-a-dia, de forma colaborativa e cooperativa.

Na atual sociedade percebe-se que cada vez mais se requer na vida flexibilidade, criatividade, autonomia, tomada de decisão no trabalho e em todos os momentos do dia-a-dia e a escola têm um papel fundamental no preparo dos cidadãos que atuam e atuarão nessa sociedade.

Pretendo trazer as experiências de resgate histórico que foram realizadas durante o estágio curricular. Esse resgate se deu por meio de pesquisas feitas em bibliotecas, nas famílias, sites da internet, revistas, jornais e entrevistas. Essas informações foram discutidas, analisadas e refletidas nas rodas de discussão durante os trabalhos desenvolvidos em aula.

No primeiro capítulo deste estudo apresentam-se considerações sobre o ensino de História e do uso da pesquisa como possibilidade para o ensino de história. Farei no texto um resgate ao uso da pesquisa como meio de ensinamento para sabermos mais sobre nossas origens étnicas herdadas de nossos antepassados, o povo Guarani, primitivos da nossa terra bem antes da chegada dos portugueses e espanhóis.

O segundo capítulo apresenta uma reflexão sobre a experiência do estágio realizado numa turma de quarta série. Trabalhei com um projeto envolvendo a pré-história e a formação histórica do Rio Grande do Sul onde através da pesquisa fizemos um resgate de aspectos da história do estado.

As referências utilizadas foram: Helena Callai, Paulo Zarth, Maria Tereza Nildecoff; Maria Auxiliadora Schimdt, Marlene Canelli; Fernando Seffner; Holien Gonçalves Bezerra e Paulo Freire.

Num segundo momento explanarei minhas experiências na prática do estágio curricular, que aconteceu na turma de quarta série. Trabalhei com um projeto envolvendo a pré-história e a formação histórica do Rio Grande do Sul onde através da pesquisa fizemos um resgate pré-histórico e histórico do nosso estado. Enquanto sujeitos sociais que viveram e

conviveram em grupos que os identificam desde a família, primeiro grupo em que são inseridos socialmente e depois à comunidade, onde constituem sua história de pertencimento enquanto grupo social.

1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA

Os índios habitaram o Brasil. Mas de onde vieram? E todos os demais questionamentos que envolvem esta chamada colonização. As descobertas surgiram trabalhando juntamente com meus alunos, através de muita pesquisa.

Holien Gonçalves Bezerra afirma que é dever da escola e direito dos alunos, oferecer e trabalhar os conjuntos de conhecimentos que foram socialmente elaborados e que os estudiosos consideram necessários para o exercício da cidadania. Quando se trata de explicitar o que está sendo entendido como necessário, as dificuldades acentuam-se.

Segundo Callai e Zarth(1998, pag. 13) a escola tem se limitado a ensinar história através de livros produzidos por pesquisadores-historiadores ou, na maioria dos casos através de manuais didáticos. Porém, pouco tem sido feito para ensinar o processo de produção dos textos de História, de elaboração dos livros de História.

Os livros de História são vistos como fonte de verdade absoluta e a sociedade passa a ser vista como é apresentada pelo mesmo. A história é sempre uma versão. Trabalho com o que aconteceu, mas é uma versão construída a partir das fontes, questões e teoria do historiador. O ensino de história vivenciado nas escolas antigamente e que ainda se faz presente em muitas escolas não mostra praticamente nada da realidade do aluno. Estes sujeitos são construtores da sua história e da história do lugar onde vivem e juntos constituem uma história coletiva baseada em fatos que realmente acontecem e que poderão ser transmitidas para futuras gerações.

Segundo Nildecoff (1997, p. 72) o objetivo da história dentro do currículo escolar é a compreensão do presente: conhecer o passado do homem com o objetivo de aplicar estes conhecimentos na compreensão das circunstâncias atuais. Este diálogo do passado com o presente não ocorre facilmente e a História acaba se detendo nos estudos do passado e a ligação com o presente não fica clara para os estudantes.

Quando iniciei minhas pesquisas juntamente com meus alunos sobre a pré-história, este conhecimento da ligação do passado com o presente foi acontecendo de maneira natural, pois os índios que habitaram a pré-história foram os mesmos que habitaram o litoral e que deixaram suas marcas nos sítios arqueológicos aqui presentes. Este elo foi fundamental para que acreditássemos na presença indígena em nosso meio.

Os pescadores que aqui chegaram, por volta de 1940, atraídos pela abundância de peixes e mariscos no oceano, traziam consigo o personagem do índio presente em suas narrativas. Os “montes de cascas”, sambaquis, também eram comuns nas histórias por eles contadas. Este elo foi feito ao pesquisarmos sobre a pré-história do RS.

Antes de iniciarmos nossas pesquisas com a pré-história, cada um montou sua árvore genealógica a partir dos sobrenomes, para conhecerem a história da sua família e assim escreverem a sua história. A história do município já havia sido estudada na terceira série, então só fizemos uma retomada.

Não podemos esquecer que enquanto docentes, devemos desempenhar nosso papel de agentes transformadores da história e o que ainda estamos fazendo a respeito do lugar em que moramos.

Minha vida profissional e estudantil me ajudou por meio dos estudos, a repensar a importância de ensinar História e de como estes conhecimentos devem ser abordados em sala de aula. Desta maneira procurei ajudar meus alunos a construírem seus conhecimentos de mundo a partir da realidade onde vivem.

Meu trabalho com alunos de quarta série, nas séries iniciais, foi sempre baseado na busca de respostas integrando os conhecimentos prévios de cada um. Uma metodologia de ensino e aprendizagem vai se tornando importante na medida em que favoreça a autonomia do aluno na construção de seu conhecimento.

2 A PESQUISA COMO POSSIBILIDADE PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

As práticas realizadas em sala de aula devem estar focadas no papel ativo do aluno, onde ele se torne responsável pela sua própria aprendizagem, possibilitando a exploração e a curiosidade, sendo compatível e adequado com uma concepção construtivista; proporcionando um ambiente adequado para o desenvolvimento da autonomia do aluno. As atividades devem ser planejadas, adequadas e selecionadas a partir de critérios para o grupo de alunos. A importância pedagógica da pesquisa é a formação da capacidade de saber pensar, aprender a aprender, questionar. Desafio do currículo intensivo, menos voltado para a transmissão horizontalizada de conteúdos, e mais para a formação da capacidade autônoma dos alunos, com base em pesquisa e elaboração própria.

As atividades de busca, reconhecimento, seleção e formulação de um problema são atividades que possibilitam a pesquisa mediante a interação entre as concepções dos alunos e a novas informações de outras fontes. Considera-se que estas atividades facilitam a recapitulação do trabalho realizado, a elaboração de conclusões e a descrição dos resultados obtidos. Estes trabalhos com novas informações e elaboração de suas próprias conclusões, tornam visível o saber pensar e o aprender a aprender.

Diante destas idéias pode-se dizer que a metodologia da investigação, em sala de aula, integra os posicionamentos de uma visão construtivista com a realidade educativa proporcionando um ambiente adequado para o desenvolvimento da autonomia dos estudantes.

Segundo Demo (2003), a pesquisa é uma construção do conhecimento, que passa pela experiência, onde o aluno é sujeito do seu

próprio processo de aprendizagem. A seguir apresenta-se um esquema do educar pela pesquisa.

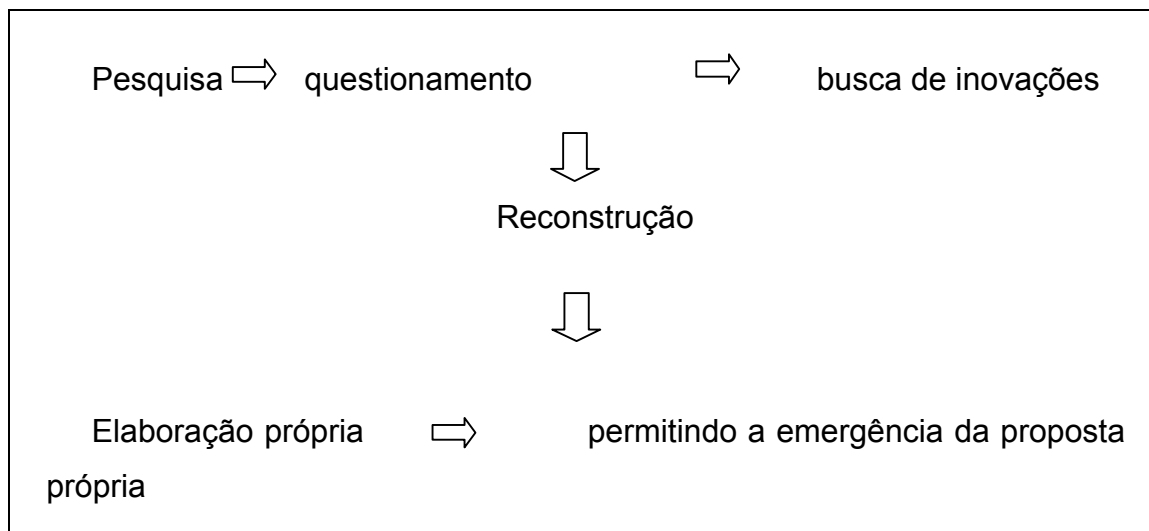


Figura 1: Esquema adaptado das idéias de Demo (2003), sobre o educar pela pesquisa.

Vários autores procuram fundamentar uma proposta de teoria e prática de pesquisa que ultrapasse os muros da escola incentivando a investigação como descoberta. A pesquisa em sala de aula contrapõe à idéia de que o professor é o que ensina e o aluno é o que aprende, pois reduz os alunos a simples objetos e eleva o professor como detentor do saber. Muito aprendi juntamente com meus alunos através das pesquisas que realizamos sobre a Pré-História do nosso estado, onde internalizamos conhecimento. A possibilidade que eu tive juntamente com minha turma foi a de tornar a aprendizagem mais significativa e mais prazerosa, de resolver problemas cotidianos e de devolver a mim, enquanto professora a autonomia de meu fazer pedagógico. Estes foram aspectos que me motivaram a buscar práticas que me pautassem pela perspectiva da pesquisa como princípio educativo.

Demo (1997) fala da importância da pesquisa tanto do professor quanto do aluno onde o mesmo deixa de ser simples objeto do ensino ministrado pelo professor para juntamente com ele ser parceiro de trabalho na busca de soluções para os problemas encontrados. Só assim a pesquisa

se constitui como eixo norteador de conhecimento e não apenas como construção técnica do mesmo. Se não aceitamos isso, então a pesquisa indica a necessidade da educação ser questionadora, do indivíduo saber pensar. É a noção do sujeito autônomo que se emancipa através de sua consciência crítica e da capacidade de fazer propostas próprias. Isso tudo tem por trás a idéia da reconstrução, mas também agrega todo o patrimônio de Paulo Freire e da “politicidade”, porque nós estamos na educação formando o sujeito capaz de ter história própria, e não história copiada, reproduzida, na sombra dos outros. Uma história que permita ao sujeito participar da sociedade.

Ao buscar conhecer a possibilidade de incorporar a pesquisa na minha prática cotidiana de professora de quarta série, das séries iniciais do ensino fundamental, percebi que a pesquisa, compreendida como princípio educativo, busca a construção de conhecimentos novos para aquele aluno que, por meio da investigação reconstrói caminhos de descoberta de conhecimentos.

Nessa perspectiva, ressalta Freire (1989, p. 94-95) que nada ou quase nada existe em nossa educação que desenvolva no nosso estudante "o gosto da pesquisa", a concepção tradicional da educação vê os professores apenas como transmissores de conteúdos.

Conforme nos diz Freire: “Como professor crítico sou um aventureiro responsável, predisposto a mudança, a aceitação do diferente. Nada do que experimentei em minha atividade docente deve necessariamente repetir-se.” (1999, p.50)

3 HISTÓRIA E PESQUISA: PRÉ-HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO SUL

O grande desafio que se apresenta na atualidade é adequar nosso olhar de professor às exigências do mundo. É preciso mostrar que ainda é possível desenvolver uma prática de ensino de História através da pesquisa adequada aos tempos atuais.

Ao iniciar meu estágio supervisionado montei um projeto sobre as missões jesuíticas. Para iniciar o desenvolvimento do mesmo comecei pela pré-história, cujo assunto exigiu de mim muita pesquisa, pois era leiga no assunto. A cultura de trabalho pela pesquisa, originada no momento da necessidade, foi o embrião para o desenvolvimento do projeto sobre as missões jesuíticas.

Em uma aula presencial, a professora Jaqueline me sugeriu de iniciar o trabalho sobre o Rio Grande do Sul pela pré-história, o que não é muito comum, pois sempre se inicia pela história, mais precisamente pelos primeiros habitantes que são os índios.

Ensinar sobre as primeiras civilizações de maneira prazerosa consiste em procurar abordar as transformações na qualidade de vida dos seres humanos que os conduziu à conquista da fala, dos territórios, do fogo, da escrita e ao desenvolvimento das civilizações.

O que fazer? Em meus vinte e oito anos trabalhando história nas séries iniciais, especialmente em terceira e quarta série, nunca havia iniciado pela pré-história, sempre pelos primeiros habitantes que são os índios. Resolvi enfrentar o desafio convidando meus alunos a desbravar juntamente comigo o desconhecido. Partimos para as pesquisas. Para transformar o assunto

em objeto de investigação estimulei-os ao questionamento, ao levantamento de hipóteses, em uma abordagem crítica e contextualizada.

Destaco a importância do professor como sujeito na transformação da realidade social de seus alunos, valorizando a discussão sobre a função da escola sob uma perspectiva social mais global. Nesse vai e vem de pesquisas os alunos traziam dúvidas, questionamentos sobre o assunto da pré-história e, mediante organização da sala, as dúvidas eram discutidas. Em caso de necessidade, realizava uma nova investigação para chegar a novas respostas, alternativas ou simplesmente pontos de vista. Esse era um indício de que a minha prática pedagógica continuava abrindo espaço às explorações, as investigações que os alunos estabeleciam em relação ao que estavam estudando.

A partir deste desafio fomos encaminhados para o valor da pesquisa como recurso de ensino e aprendizagem. Mais que isso, eu e meus alunos por meio do trabalho coletivo, fomos construindo, garimpando instrumentos para o exercício de uma atividade criativa e crítica, com questionamentos e a indicação de soluções, abrindo frentes, em "sintonia" com a atividade. Dessa forma, o trabalho de pesquisa no dia a dia possibilitou ir ao encontro de novas possibilidades de reconstrução do conhecimento produzido e sistematizado pela humanidade.

Dentro do meu espaço de trabalho numa turma de quarta série prevaleceu construir a metodologia do "aprender a aprender" e não fazer história pronta.

Os resultados dessa experiência apontam que é possível desenvolver na escola uma prática pedagógica que articule ensino e pesquisa, tornando esta última uma fonte catalisadora de desenvolvimento integral e intelectual dos alunos, bem como de integração entre escola e família.

Com a minha prática docente estimulei meus alunos, com materiais diversos, para a prática de trabalho em grupo, e com isso expressarem suas descobertas no desenvolvimento de pesquisas e experimentos.

É importante salientar a necessidade que senti de motivação extra-classe em conhecer e estudar as minhas possibilidades para inovar ao adquirir bons livros para a preparação de minhas aulas visando o bom rendimento dos alunos .

Diversas vezes me sentei para planejar minha semana de atividade, indo para a internet pesquisar sobre a pré-história, deparando-me com muitas informações e que precisavam chegar a uma só, onde meus alunos pudessem entender ou compararmos juntos o resultado das pesquisas. Quando planejamos uma semana de trabalho esperamos que não aconteça nenhum imprevisto. Que engano! Somos pessoas humanas e cometemos enganos, equívocos. Nem sempre adivinhamos o que nosso aluno quer quando se trabalha dentro de um projeto que desperta neles a curiosidade. Precisamos estar sempre atentas (os) com uma segunda opção para fazermos alterações em nosso planejamento.

As pesquisas não puderam ser realizadas na escola, visto que não tínhamos um laboratório de informática, isto acarretou em pesquisas isoladas, cada um na sua casa, numa lan house, alguns não pesquisaram por não ter acesso a computadores na comunidade onde moravam, não havendo uma chance de pesquisar no coletivo para haver trocas de idéias.

Estas trocas de idéias eram feitas na sala de aula no dia seguinte da pesquisa. Seria adequado que estivessem todos juntos num laboratório de informática, pesquisando, trocando idéias, mais não foi possível e com isto senti uma fragmentação no trabalho, pois as idéias ficavam dispersas. Todos deviam opinar e discutir para chegar a uma mesma opinião, mas os que não pesquisavam ficavam alheios ao assunto.

Ao longo das pesquisas, pude observar, que a infra-estrutura de uma escola, embora muito importante, não foi elemento imobilizador para o meu trabalho e de meus alunos. Ao contrário, nos levou a uma mobilização na busca de informações em casa, através da Internet, na biblioteca da escola e a pública e com pessoas da comunidade. Essa experiência me permitiu ressaltar a importância da minha prática pedagógica e o meu compromisso

docente com os alunos menos favorecidos, dando-lhes a chance de saírem da sala de aula e irem até a biblioteca realizarem suas pesquisas, pois não teriam chances de virem fora do horário escolar. Destaco a importância do professor como sujeito na transformação da realidade social de seus alunos, valorizando a discussão sobre a função da escola sob uma perspectiva social mais global.

Compreendo o conceito de pesquisa como princípio educativo numa perspectiva histórico-crítica da educação e a importância do papel dos educadores como agentes transformadores da realidade.

Segundo o autor Demo (2003) a escola precisa disponibilizar um ambiente de trabalho coletivo e não apenas disciplinar, privilegiando atitudes e questionamentos críticos e criativos, onde professor e aluno caminham juntos, sendo parceiros do processo de ensino e aprendizagem.

É importante mencionar que o trabalho pela pesquisa na minha sala de aula foi desenvolvido numa atividade denominada de rodinha. Diariamente, nesse espaço, os alunos traziam dúvidas, questionamentos sobre as pesquisas realizadas que os deixaram curiosos e que, mediante organização da sala, as dúvidas foram esclarecidas e discutidas. Sempre que se fez necessário, realizou-se uma nova investigação surgindo novas respostas. A meu ver, esse é um indício de que a prática da pesquisa continua abrindo espaço às explorações, aos sentidos que os alunos estabelecem em relação ao mundo, à vida, às relações humanas, ao que estão estudando.

Os resultados dessa experiência de trabalhar com pesquisa nos mostra que é possível desenvolver na escola uma prática pedagógica utilizando o ensino articulado à pesquisa, ajudando no desenvolvimento integral e intelectual dos alunos, bem como de integração entre escola e comunidade.

Conforme o desempenho de meus alunos em algumas pesquisas propostas, percebi que havia um longo caminho a percorrer para ter uma qualidade melhor na alfabetização histórica. Os alunos gostavam de manusear revistas, textos, objetos, fazer entrevistas na medida em que os

conteúdos eram desenvolvidos nas aulas, mas muitas vezes, ficavam confusos com algumas informações obtidas e se fazia necessária a rodinha para discussão. Nesta rodinha era debatido o assunto, confrontavam opiniões e hipóteses para finalmente elaborarem suas conclusões.

Neste meu trabalho com pesquisas, como já citei acima, foi usado diversos materiais didáticos que foram de extrema importância para o desenvolvimento de um bom trabalho de pesquisa dentro do ensino de história. Neste sentido os PCN de História e Geografia trazem:

Entende-se por material didático, de acordo com os PCN todo material, que no acesso ao conhecimento tem a função de ser mediador na comunicação entre o professor e o aluno. São materiais didáticos tanto os elaborados especificamente para o trabalho de sala de aula: livros, apostilas e vídeos como também, os não produzidos para esse fim, mas que são utilizados pelo professor para criar situações de ensino.

Muito aprendi juntamente com meus alunos através das pesquisas que realizamos, onde internalizamos conhecimento. A possibilidade que eu tive juntamente com minha turma foi a de tornar a aprendizagem mais significativa e mais prazerosa, de resolver problemas cotidianos e de devolver a mim, enquanto professora a autonomia de meu fazer pedagógico. Estes foram aspectos que me motivaram a buscar práticas que me pautassem pela perspectiva da pesquisa como princípio educativo.

3.1 HISTÓRIA E PESQUISA: MEMÓRIAS DO MUNICÍPIO

“Somos o que lembramos”. Essa afirmação demonstra o peso da lembrança e do esquecimento para as nossas vidas. Tanto a nossa existência pessoal quanto coletiva é construída tendo por base o que lembramos, o que esquecemos, o que se lembra de nós.

A imensa rede de esquecimentos e lembranças sustenta a nossa vida em sociedade e o nosso lugar no mundo. As identidades, pessoais e coletivas, passam a fazer sentido quando o passado é percebido como herança de toda uma comunidade. A memória social é mais que um conteúdo específico: é uma abordagem que privilegia o entendimento do passado e do presente como continuidades e rupturas.

Nas aulas de história, a memória social pode ser refletida por meio das lembranças da comunidade: em suas festas, em seus modos de vida, em suas manifestações populares, sua maneira de vestir, suas construções e monumentos são importantes expressões dessa memória coletiva, que permite lançar um entendimento maior sobre o passado e o presente de uma comunidade. Todas as comunidades têm sua população. A memória afetiva das pessoas e dos grupos sociais é compartilhada coletivamente, e cabe a nós educadores transformar essa memória em aprendizado.

Durante o estágio a Professora Jaqueline nos pediu para montarmos com nossos alunos um Projeto de Aprendizagem (PA). Como estava trabalhando com um projeto sobre as missões jesuítas, reuni os alunos numa rodinha de conversa e expus a idéia de montarmos um novo projeto e quais as sugestões que eles teriam para dar ou sobre o que eles queriam trabalhar. Durante a conversa um aluno levantou a mão e sugeriu de estudarmos as histórias que os antigos contavam e contam sobre o nosso município desde os primórdios até os dias atuais. Freire nos remete a este respeito:

se [...] a minha opção é libertadora, se a realidade se dá a mim não como algo parado, imobilizado, posto aí, mas na relação dinâmica entre objetividade e subjetividade, não posso reduzir os grupos populares a meros objetos de minha pesquisa. Simplesmente, não posso conhecer a realidade de que participam a não ser, com eles como sujeitos também deste conhecimento que, sendo para eles um conhecimento do conhecimento anterior (o que se dá ao nível da sua experiência cotidiana), se torna um novo conhecimento. (1999).

Como já havíamos trabalhado sobre o nosso município no ano anterior, decidimos em rodinha que seria este o assunto de nosso PA. Montamos o

nosso projeto que ficou assim:

Questão central que motivou a pesquisa?

* Estudamos a pré-história e a formação do Rio Grande do Sul e gostaríamos de conhecer um pouco mais sobre a história do nosso município de Arroio do Sal.

Certezas temporárias:

* Arroio do Sal cresceu e modificou-se bastante.

Dúvidas provisórias:

* Algumas pessoas que ajudaram no crescimento de Arroio do Sal já morreram. Como faremos para saber sua participação no crescimento?

*Em que época ocorreu cada fato em nosso município?

Cada grupo formulou uma pergunta a partir da história lida para depois entrevistar a pessoa que fez o relato ou uma pessoa que soubesse sobre a história. As pessoas foram convidadas para vir até a sala de aula e na rodinha contar a história para todos. Como alguns já são mortos, foram convidados os filhos ou alguém da comunidade que saberia contar a história.

1)Como aconteciam às viagens de ônibus pela praia quando a maré estava alta?

2)As mulheres quando iam para o hospital em Torres ganhar seus filhos iam num furgão. Por que este furgão recebeu o nome de parteira?

3)Qual o material usado para abrir a primeira Avenida em Arroio do Sal?

4)Como as costureiras faziam para usar as máquinas de costuras se não existia eletricidade em Arroio do Sal.

5)Quais os materiais usados na construção das casas de veraneio ou a dos pescadores?

Nossas pesquisas iniciais:

Entrevistamos algumas pessoas ainda vivas, que conheceram ou viram alguém contar estas histórias. Também pesquisamos no livro

da escritora Márcia Farias, onde relata algumas histórias sobre Arroio do Sal.

Foram dias de muitas pesquisas, ansiedade a espera das pessoas que viriam até a nossa sala para contar à história que sabiam sobre nosso município. O mais importante que aconteceu foi o envolvimento das famílias nesta caminhada, pois muitas não são de Arroio do Sal e assim ficaram conhecendo um pouco do lugar que escolheram para morar assim como eu.

Certa aula um aluno me perguntou: “professora ainda bem que as pessoas contam para outras pessoas o que sabem, senão como ficaríamos sabendo o que aconteceu se ela já morreu”? Esta pergunta que já era como resposta me fez ver como são importantes as memórias coletivas, que passam de geração para geração.

Do trabalho com pesquisa com meus alunos observei fatos importantes para reflexão: muitos fizeram entrevistas que é uma atividade que pode ser muito usada numa pesquisa. A respeito de qualquer um dos assuntos que estejam sendo trabalhados, pode se usar a entrevista como recurso da pesquisa, desde que haja pessoas entendidas ou conhecedoras do tema, no caso as histórias sobre Arroio do Sal.

Nas entrevistas realizadas em sala de aula as pessoas convidadas deram seu parecer e a sua compreensão do assunto, pois muitos estavam recontando o que seus pais contavam (são mortos)

Todas as pesquisas envolvendo a entrevista eram intermediadas por mim, através de telefonemas ou e-mails esclarecendo o que os alunos estavam pretendendo. Ao final das entrevistas sentávamos na rodinha e planejávamos o que seria feito com elas. O registro é o referencial básico do processo educativo, então tudo era registrado em forma de relatórios nos diários de bordo de cada grupo. Tais informações eram liberadas para os outros grupos e também para os familiares que muito ajudaram neste trabalho. Este trabalho realizado no PA está demonstrado no <http://historiasdeareiaemar.blogspot.com/>

Segundo Callai e Zarth (1998, p. 22) pelo registro os alunos são levados a assumir o aprender como um processo sempre em realização e reformulação, procurando ampliá-lo, modificá-lo. É a construção do saber pelo próprio aluno. Após a coleta de dados e sua análise o aluno/grupo faz suas conclusões, assimila num processo cooperativo.

4 Considerações finais

Vivenciar a pesquisa no ensino de História juntamente com meus alunos foi gratificante e prazeroso, pois muito aprendemos. Essa caminhada que realizamos juntos através do uso da Internet, das entrevistas, das pesquisas bibliográficas foi uma experiência/ vivência frutífera, tanto para mim quanto para meus alunos. Juntos buscamos e juntos aprendemos.

Durante todo o meu estágio a pesquisa se tornou minha aliada para desenvolver meu trabalho com mais segurança. Se eu disser que foi fácil, estarei mentindo a mim mesma, pois muitas vezes me senti para planejar minhas aulas envolvendo a pré-história, muito material didático me rodeava e muitas vezes me senti perdida entre tantas informações. O que vem primeiro? Então chegava à sala de aula reunia meus alunos na rodinha de discussão e discutíamos o que havíamos pesquisado para chegarmos a um mesmo objetivo. Sempre deixei claro para meus alunos que eu não era detentora do saber e que muitas coisas me eram desconhecidas e isso eles puderam perceber nas rodinhas onde eram realizadas nossas trocas de informações.

Lembrei-me do Conto da Ilha Desconhecida, de José Saramago. O desconhecido me assustou, mas ao mesmo tempo me despertou a curiosidade de desbravar caminhos novos. Estes caminhos novos me

fizeram sentir viva e pronta a entrar em uma nova viagem onde deveria estar preparada para enfrentar todo tipo de aventuras. Muitas vezes me senti perdida, abandonada em um barco sem leme, mas depois refletia e via que não estava só, que existiam colegas de estudo e de trabalho, professores e tutores e meus alunos que sempre estiveram prontos para redirecionar meu barco a um porto seguro.

Meu objetivo neste TCC foi discutir a possível articulação entre ensino e pesquisa na minha prática pedagógica como professora de uma turma de quarta série trazendo a importância que têm a pesquisa, analisando as condições da escola para o desenvolvimento da pesquisa como princípio educativo. Ressalto que a aprendizagem pela pesquisa deveria ser um importante instrumento para a solução de problemas de aprendizagem, o que poderia resultar em melhores condições de aprendizado para os estudantes. A pesquisa é uma metodologia que permite ao aluno ir à busca do conhecimento onde o professor passa a ser mediador entre o aluno e esse conhecimento construído.

É necessária a busca de novas experiências pedagógicas que superassem uma pedagogia tradicional, que segundo Freire (1989) era chamada de pedagogia bancária que ficou identificada pela memorização de fatos, pela transmissão de conteúdos prontos dos livros didáticos, pela passividade em aceitar o que já está pronto e dito como verdade e que incorporassem em sua prática a pesquisa como princípio educativo.

Este trabalho buscou refletir sobre a experiência de trabalhar em aulas de História com a pesquisa e seus resultados, contribuindo para a efetivação de outras práticas pedagógicas que tenham como foco a pesquisa como princípio educativ

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALLAI & ZARTH, Helena e Paulo. **O estudo do município e o ensino de história e geografia.** Ijuí, Unijuí, 1998.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa.** Campinas, SP: Autores Associados, 1997.

_____. **Pesquisa: princípio científico e educativo.** São Paulo, Cortez, 2003

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **Educação como prática de liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989

_____. **Educação e mudança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

_____. **Conscientização: teoria e prática de libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** São Paulo: Moraes, 1980.

NIDELCOFF, Maria Teresa. **As ciências sociais na escola.** São Paulo, Brasiliense, 1997.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Ensinar História.** São Paulo, 2004

CANELLI, Marlene. **Ensinar História.** São Paulo, 2004

SEFFNER, Fernando. **Aprendizagens em História. Teoria & Fazer: Caminhos da Educação Popular.** Gravataí, SMEC, 1998

FARIAS, Márcia Regina Castro. **Crônicas de uma cidade.** Arroio do Sal, Est Edições, 2009

SARAMAGO, José. **Conto da Ilha Desconhecida.** Companhia das Letras, 2008

PCN, **Parâmetros Curriculares Nacionais.** Brasília, MEC, 1997

BEZERRA, Holien Gonçalves. **Histórias na sala de aula**. Editora Contexto.